



*Literatura, viagens e turismo cultural
no Brasil, em França e em Portugal*

Maria Alexandre Lousada & Vitor Ambrósio

Editores

Lisboa, 2017

© CEG-IGOT-ULisboa, 2017

Esta publicação é de acesso livre no Repositório da Universidade de Lisboa:
<http://repositorio.ul.pt/>

Título

Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal

Editores

Maria Alexandre Lousada (CEG/IGOT e CH/FL, ULisboa)
Vitor Ambrósio (ESHTE)

Citação

Lousada, Maria Alexandre & Ambrósio, Vitor (Eds.). (2017). *Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa.

Nota

Os conteúdos dos capítulos deste livro são da inteira responsabilidade dos seus autores.

Os capítulos incluídos neste livro foram submetidos à revisão científica de: **Alves, Ida** - IL NEPA UFF / CNPq – Brasil; **Ambrósio, Vitor** – ESHTE; **Baleiro, Rita** - ESGHT, UAlg; **Chaves, Vania Pinheiro** - CLEPUL-FLUL; **Feitosa, Márcia** - UFMA/Brasil; **Figueiredo, Carmem** - UERJ,RJ, Brasil; **Kleiman, Olinda** - Sorbonne-Nouvelle – Paris 3; **Lncioni, Claudia** – Sorbonne Nouvelle, Crepal; **Quinteiro, Sílvia** - CEC/FLUL e ESGHT, UAlentejo; **Isilda** - ESHTE, IELT/UNL, SLESXIX/UBarcelona; **Lousada, Maria Alexandre** - CEG/IGOT e CH/FL, ULisboa; **Pog**; **Santos, Gilda** - UFRJ e RGPL; **Santos, Norberto** - CEGOT-Coimbra e DGT FLUC; **Santos, Ilda Mendes dos** - Sorbonne Nouvelle- Paris 3, CREPAL; **Sarmiento, João** - DGEO, UMinho e CEG/IGOT, ULisboa; **Simões, José Manuel** – CEG/IGOT, ULisboa; **Simões, Maria de Lourdes Netto** - ICER/DLA, UESC, Bahia- Brasil; **Umbelino, Jorge** – ESHTE e CEG/IGOT/ULisboa; **Vidal, Frédéric** - CRIA / ISCTE-IUL.

Editora

Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território,
Universidade de Lisboa (CEG-IGOT-ULisboa)

Formato

E-book, 656 páginas

Revisão de texto e execução gráfica

Márilisa Coelho

ISBN

978-972-636-247-0

Lisboa, 2017

Índice

NOTA INTRODUTÓRIA.....	5
I. PERSPETIVAS INTERDISCIPLINARES	7
Turismo, na mudança de paradigmas	8
<i>António dos Santos Queirós</i>	
Geosofia Cartográfica do Viajante: em busca dos sentidos do Viajar	29
<i>Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho & Eduardo Marandola Jr.</i>	
A viagem como experiência fundadora do modernismo brasileiro.....	44
<i>Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado</i>	
Paisagem cultural como elemento de leitura na modernidade: desafios da interpretação em Ouro Preto-MG	72
<i>Thiago Eduardo Freitas Bicalho</i>	
Lisboa e a Sociedade Propaganda de Portugal – modernizar a cidade pelo turismo (1906-1911)	88
<i>Pedro Cerdeira</i>	
II. ESCRITA DOS LUGARES, GUIAS E ITINERÁRIOS TURÍSTICOS.....	103
II.1. VIAGEM E PAISAGEM NA LITERATURA	104
II.1.1. Olhares de Autores Brasileiros	105
Paisagem e Viagem em “As Minas de Prata”, de José de Alencar.....	106
<i>Rafaela Mendes Mano Sanches</i>	
“Único livro de um brasileiro sobre Portugal”: crônicas de viagem de João do Rio	117
<i>Virginia Célia Camilotti</i>	
O poeta modernista e o Brasil barroco: Bandeira em viagens	126
<i>Antônio Donizeti Pires</i>	
O Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles: Configurações Poéticas na Construção do Patrimônio I-Material Relativo aos Garimpeiros do Alto Jequitinhonha, Diamantina, Minas Gerais, Brasil	141
<i>Rodrigo Guimarães</i>	
Memórias modernistas da cidade: Belo Horizonte nos discursos literários de Carlos Drummond de Andrade.....	156
<i>Danielle Alves Lopes, Rita Baleiro & Sílvia Quinteiro</i>	
II.1.2. Olhares de Autores Portugueses.....	170
Peregrinações e lugares sagrados à luz de fontes portuguesas (séculos XVI-XVIII)	171
<i>Paula Almeida Mendes</i>	
Viagens à inquietante paisagem alentejana	186
<i>Glória Alinho</i>	
Ferreira de Castro e as suas crônicas mediterrânicas: <i>Pequenos Mundos</i> do escritor ‘vagamundo’	201
<i>Ana Cristina Carvalho</i>	
Um passeio nocturno, em Lisboa, na companhia de D. Ramon... ..	213
<i>Maria Mota Almeida & Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira</i>	
«Lá onde nasce o sol nascemos também nós»: Espanha, Itália e França nos percursos de Ruy Belo.....	231
<i>Manáira Aires Athayde</i>	
“Como sempre caminhei, dentro de mim”: Al Berto, transumância e topofobia.....	249
<i>Leonardo de Barros Sasaki</i>	

II.1.3. Olhares de Autores Franceses, Ingleses e Outros.....	261
Beckford e Byron: dois Ingleses com a paisagem de Sintra ao fundo.....	262
<i>Eduardo Duarte</i>	
A Bretanha pelo olhar do escritor-viajante Guy de Maupassant.....	273
<i>Marianna Fernandes de Vasconcellos</i>	
O conceito do pitoresco nas narrativas de viagem no Brasil Oitocentista.....	280
<i>Valéria Alves Esteves Lima</i>	
Do relato de viagem ao romance regionalista: ficção e realidade na “construção” da Amazônia do século XIX.	294
<i>Nataly Alves Ramos Jollant</i>	
II.2. ITINERÁRIOS TURÍSTICOS: DOS LIVROS DE VIAGENS AOS GUIAS ATUAIS.....	305
Representações sociais no mundo luso-brasileiro: as viagens científicas nos séculos XVIII e XIX	306
<i>Paulo de Assunção</i>	
A invenção de Macau e Cantão como lugares de lazer e de turismo (1830-1870): um estudo exploratório a partir de relatos de viagem	319
<i>Frédéric Vidal</i>	
Guias e Guias Disfarçados do Bussaco (Portugal, século XIX)	334
<i>Isilda Leitão</i>	
Olhares Turísticos: Portugal em Guias de Viagem Alemães.....	350
<i>Maria João Cordeiro</i>	
II.3. MODOS DE VIAJAR E EXPERIÊNCIAS DE VIAGENS	363
“If you go to Antigua as a tourist, this is what you will see”: Encenação e prática turística, em A Small Place de Jamaica Kincaid	364
<i>Sílvia Quinteiro & Rita Baleiro</i>	
Urbano Tavares Rodrigues: uma cultura da viagem	377
<i>Maria do Carmo Cardoso Mendes</i>	
Leitura Geográfica das Viagens na Terra Alheia. De Paris a Madrid de Teixeira de Vasconcelos (1863): Espaços Vividos e Espaços Ficcionalizados	386
<i>Sara Cerqueira Pascoal</i>	
Viajar no Egito do século XIX: As experiências de Maxime du Camp, Eça de Queirós e D. Pedro II	402
<i>Luís Manuel de Araújo</i>	
Diário de viagem e a escrita dos lugares: as impressões/reflexões de Agustina Bessa-Luís em Breviário do Brasil.....	416
<i>Márcia Manir Miguel Feitosa</i>	
Dois viagens, duas temporalidades: “Viagem ao Araguaia” e “Encantos do Oeste” (General Couto de Magalhães [1863] e Agenor Couto de Magalhães [1945]).....	427
<i>Marcia Regina Capelari Naxara</i>	
III. PATRIMÓNIO, IDENTIDADE E TURISMO CULTURAL.....	436
III.1. PATRIMÓNIO E ITINERÂNCIAS TURÍSTICAS	437
Os valores simbólicos e históricos-culturais no itinerário turístico do Cangaço Eco Parque, em Poço Redondo - Sergipe - Nordeste do Brasil	438
<i>Lilian de Lins Wanderley, Hortência de Abreu Gonçalves & Carmen Lúcia Neves do Amaral Costa</i>	
Rotas do Gharb Al-Andalus – Itinerários Literários e Místicos	448
<i>Natália Maria Lopes Nunes</i>	
Na pegada dos amores de Pedro e Inês pela Região Oeste: uma proposta de Rally Cultural.....	458
<i>Natália Albino Pires</i>	

À Beira Sal Plantada: Rota da Salicórnia	470
<i>Guida Cândido</i>	
O Património literário português e o Fado: sua valorização turística na cidade de Lisboa	481
<i>Cláudia H. N. Henriques</i>	
Roteiro de Santo António de/por Lisboa: potencial turístico	492
<i>Isabel Dâmaso Santos</i>	
III.2. PAISAGENS E EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS.....	503
Video storytelling - a challenging tool in cultural and agritourism communication	504
<i>Maria Alexandra Abreu Lima</i>	
Turismo Virtual e o World of Discoveries (WOD).....	514
<i>Vanessa Távira & Vítor Ambrósio</i>	
O Pólo Turístico de Xingó, na Região Semiárida de Sergipe e Alagoas, no Nordeste do Brasil	526
<i>Lílian de Lins Wanderley, Hortência de Abreu Gonçalves & Carmen Lúcia Neves do Amaral Costa</i>	
Turismo e nobilitação urbana no centro histórico de Lisboa	547
<i>Catarina Leal</i>	
III.3. PATRIMÓNIO E DESENVOLVIMENTO	557
Turismo cultural urbano: preservação da identidade e desenvolvimento local	558
<i>Paulo de Assunção</i>	
História, memória social, património e turismo: Os registos patrimoniais das cidades de Minas Gerais e as narrativas de Auguste de Saint-Hilaire	569
<i>José Newton Coelho Meneses</i>	
Iracema e Alencar, ícones literários de Fortaleza	582
<i>José William Craveiro Torres & Maria Ednilza Oliveira Moreira</i>	
Regiões Vinhateiras: Identidade e Turismo Cultural em Portugal e no Brasil	592
<i>Ana Lavrador & Ivanira Falcade</i>	
Patrimônio turístico do Estado do Maranhão-Brasil: da singularidade dos cenários naturais à padronização dos processos culturais.....	608
<i>Antonio Cordeiro Feitosa</i>	
Identidade e Tradição no Remanescente de Quilombo: o turismo rural na comunidade do Engenho II em Cavalcante, Goiás.....	623
<i>Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira</i>	
O Turismo e as comunidades religiosas dehonianas no Norte e Centro de Moçambique – Um caso de estudo na Lusofonia	634
<i>Catarina Encarnação Pereira</i>	
NOTAS CURRICULARES DOS AUTORES	648

Um passeio nocturno, em Lisboa, na companhia de D. Ramon...

*Maria Mota Almeida¹ & Luís Branquinho da Fonseca Soares de
Oliveira²*

¹*Instituto História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa; mariamotal@gmail.com*

²*Instituto História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa; Associação de Imagem Portuguesa;
mail@luisbranquinho.net*

Resumo: O presente artigo insere-se num estudo mais abrangente que visa estreitar a relação entre turismo e a obra literária de António José Branquinho da Fonseca, complementada com um ‘olhar’ contemporâneo. Deste modo, partiu-se do conto ‘A Tragédia de D. Ramon’, inserido na colectânea *Caminhos Magnéticos*, publicado em 1938, para propor um itinerário urbano pelos diferentes patrimónios que compõem uma parte de Lisboa - da rua da Madalena, passando pelo elevador de Santa Justa, Travessa da Queimada, Chiado, Doca da Alfândega, terminando onde começou, na rua da Madalena - abordada pelo autor, reinterpretada pelo olhar fotográfico e atual do seu neto, Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira.

Palavras-Chave: *Turismo literário, Turismo cultural, Identidade cultural, Branquinho da Fonseca, Lisboa.*

Abstract: This article is part of a broader study that aims to strengthen the relationship between tourism and the literary work of António José Branquinho da Fonseca, now complemented with a contemporary ‘perspective’. It is assumed that a literary tourist-destination is endowed with an increased value and can attract and diversify visitors, or extend their stay by contributing to the discovery of local heritage and culture. Therefore, we start from the tale ‘A Tragédia de D. Ramon’, written in the 1930s, inserted in *Caminhos Magnéticos*, to suggest an itinerary through different cultural sites to be found in Lisbon – from Madalena street, Santa Justa lift, Queimada alley, Chiado, Doca da Alfândega, ending again in Madalena street -, which the author addresses in his work. Such heritage sites are now reinterpreted through the present photographic approach of his grandson, Luis Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira.

Keywords: *Literary Tourism, Cultural Tourism, Cultural Identity, Branquinho da Fonseca, Lisbon*

*“Um lugar nunca é apenas ‘aquele’ lugar: aquele lugar somos um pouco
também nós. Seja como for, sem o sabermos, trazíamo-lo dentro de nós e um
dia, por acaso, chegamos lá. Chegamos no dia certo ou no dia errado,
conforme, mas isso não é responsabilidade do lugar, depende de nós.*

(Tabucchi, 2010/13, p.178)

1. INTRODUÇÃO

Com este artigo pretendemos contribuir para equacionar o papel do turismo literário no âmbito do desenvolvimento de novos recursos, isto é, de produtos diferenciados que ajudem a inovar a imagem dos destinos. Ao considerarmos, na esteira de Carminda Cavaco, que “um recurso turístico, um dado da natureza ou da história, só existe quando conhecido, valorizado, equipado, comercializado e explorado pela sociedade, pelo que o que não é recurso hoje pode sê-lo amanhã” (Cavaco, 2006, p.301), estamos a defender a diversificação de oferta para satisfazer e, porque não, ‘seduzir’, aumentar e diferenciar a procura pensando em turistas, que podem ser os habitantes da cidade, interessados em conhecer e apreender o local de uma forma caleidoscópica.

O artigo encontra-se dividido em sete tópicos que se interligam. Após a introdução, explicamos a metodologia utilizada que se baseou num cruzamento de fontes. Com efeito, partimos da leitura do conto ‘A Tragédia de D. Ramon’, inserido na coletânea *Caminhos Magnéticos*, publicada em 1938, e dos desenhos originais, por Branquinho da Fonseca, e não publicados, para propor um itinerário urbano que abarca uma zona central de Lisboa. A conjugação da literatura com o desenho, elaborado pelo autor do conto, permite ‘ilustrar’ e descodificar as mensagens do mesmo. As fotografias, coevas do conto, e as fotografias, atuais, permitem-nos fazer uma ligação biunívoca com o espaço e vivências dos anos 30 e com o mesmo espaço na época atual.

Após um enquadramento teórico sobre a relação entre literatura e turismo que visa fundamentar a pertinência e relevância do estudo de caso, faremos uma breve incursão contextualizadora do percurso de vida do autor. Com o objetivo de dar a conhecer o conto e, quiçá, motivar para a leitura integral do mesmo, procederemos à sua síntese. Na parte seis, recorrendo aos resultados da análise de conteúdo, faremos a descrição da cidade aí incluída para, no último ponto, apresentar o itinerário.

Itinerário, este, que pretendemos que seja efectuado da forma mais autónoma possível, na medida em que “existe uma tendência para uma redução do peso das viagens organizadas por oposição ao crescimento do DIY - do it yourself - (PENT, 2007, p.40). Além de um desdobrável em suporte de papel e da sua publicação na internet, sugere-se que o trajeto seja assinalado com sinalética específica e disponibilizada numa aplicação acessível através de *smartphones*, tablets e outros dispositivos.

2. ESTUDO DE CASO

2.1. Metodologia

A metodologia utilizada, no trabalho de campo, incluiu várias etapas que passamos a descrever:

- leitura do conto ‘A Tragédia de D. Ramon’ inserido na colectânea *Caminhos Magnéticos*, publicada em 1938, sob o pseudónimo de António Madeira, fazendo um levantamento exaustivo de todos os elementos que nos permitiram caracterizar esta zona da cidade, posteriormente catalogados temática e espacialmente. Na análise de conteúdo, um instrumento “polimorfo e polifuncional” (Bardin, 1988, p. 9), isto é, um instrumento com formas várias e adaptáveis, com técnicas múltiplas e multiplicadas, que contribui para o “enriquecimento da leitura” (Bardin, 1988, p. 29), seguimos a categorização proposta por esta autora. O material obtido foi tratado a partir da identificação de diversos atributos ou referentes, isto é, a codificação que “corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto [...]” (Bardin, 1988, p.103). A organização da codificação compreende três categorias: o recorte – onde definimos as unidades de registo e de contexto, mas somente para as passagens contendo referências à Capital, excluindo-se desta categoria o enredo e as descrições das personagens; a enumeração – contagem frequencial das unidades de registo, e a categorização – “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos” (Bardin, 1988, p. 117). O resultado deste trabalho, utilizado no ponto seis, permitiu uma caracterização mais fidedigna da cidade retratada.
- levantamento de todas as fontes, primárias e secundárias, existentes no Arquivo Histórico Municipal de Cascais, onde se encontra o espólio do escritor, bem como de alguma documentação que ainda está na posse dos herdeiros de Branquinho da Fonseca;

- levantamento dos desenhos e esboços, não publicados, feitos por Branquinho da Fonseca, preparatórios / complementares do conto, que se encontram na posse dos herdeiros e que gentilmente nos facultaram;
- levantamento de fotografias de época, existentes no Arquivo Municipal de Lisboa, que complementem a visualização do texto e que possam acompanhar o itinerário;
- leitura de bibliografia complementar que permita uma maior apreensão da evolução da localidade para melhor podermos contextualizar a obra;
- leituras sobre a dimensão teórico-prática dos itinerários literários e a sua mais-valia em termos turísticos;
- elaboração do itinerário, fazendo a ligação passado – presente de um espaço da Capital com as vivências do séc. XXI, reinterpretada pelo olhar fotográfico e atual do neto do autor.

3. VIAGEM, TURISMO CULTURAL, LITERATURA E ARTE: VER PARA ALÉM DO OLHAR⁷⁹

Estes lugares: seria necessário ouvi-los em todos os sentidos desta palavra, do mais material e concreto [...] aos mais abstractos intelectualmente construídos [...] (Nora, 1984, p.7)

A literatura e a pintura são elementos fundamentais na construção da imagem turística de um destino. (Pérez, 2009, p.64)

A viagem, que o cruzamento entre a literatura e a arte proporciona, é um meio privilegiado da apreensão do local nas suas manifestações de tempo, espaço, dos valores simbólicos, das vivências de uma comunidade, da(s) leitura(s) das paisagens mediadas pelos personagens e pelas descrições do autor, da comparação de acontecimentos, patrimónios, maneiras de ser e estar de uma época anterior com a atual. Permite que a memória não se apague e se intensifique a saudável relação biunívoca entre passado e

⁷⁹ ‘olhar’ como “o fitar os olhos ou a vista em; encarar, ver, contemplar; dirigir os olhos para”, profundamente relacionado com o ‘ver’, que faz parte do seu significado, aqui entendido como o “compreender, examinar, investigar, indagar, inferir, deduzir”, segundo definição inserta no *Dicionário* de Morais Silva (1987, IV, p. 111 e V, p. 449).

presente, visto que:

A procura de um mundo melhor deve ser complementar e não antagonista em relação aos enraizamentos no passado. Todo o ser humano, toda a colectividade deve irrigar a sua vida por uma circulação incessante entre o seu passado, onde se enraíza a sua identidade, ligando-se aos seus ascendentes, o seu presente onde afirma as suas necessidades e um futuro onde projecta as suas aspirações e os seus esforços. (Morin, 2002, p. 82)

Este regresso ao passado com os olhos do presente contribui para o conhecimento da identidade cultural de um lugar. Identidade cultural entendida como um conjunto de relações sociais e de patrimónios simbólicos que estabelecem a comunhão de determinados valores dentro dos membros de uma sociedade. Na esteira de Canclini (1997, 2005, 2006) consideramos a cultura não como um conjunto de valores cristalizados e preservados na sua imutabilidade mas sim como um processo em constante transformação em que as alterações, intercâmbios e modificações irrigam, enriquecendo, a identidade a preservar.

Ora, a experiência sensível do contacto do autor com os locais e a forma como o transmite, permite imergir na identidade cultural do destino, despertando o interesse em conhecer os locais históricos vividos pelos personagens ficcionais. Através destes é possível construir o ‘carácter do lugar’ “isto é o conjunto de particularidades naturais e culturais que o caracterizam e o distinguem dos demais” (Queiroz, 2012, p.35). Quando a narrativa literária é acompanhada / enriquecida com desenhos, e quando ainda por cima são feitos pelo próprio autor, a riqueza comunicativa amplia-se. A compreensão das personagens é mais profunda, vivenciada e humanizada e a cartografia do espaço presente na obra literária torna-se mais concreta e real. Deste modo o cruzamento entre literatura e arte enriquece a leitura de ambas que, em conjunto, exponenciam o potencial informativo, permitem outras formas de ver, de apreensão do real que enriquecerão o itinerário e, conseqüentemente, o destino literário. Destino este que desempenha um papel cada vez mais importante na indústria turística (Busby & Klug, 2001, Quinteiro & Baleiro, 2014) e no desenvolvimento económico do destino (Herbert, 1995; Busby & Hambly, 2000; Robinson & Andersen, 2004) tornando-se premente uma reflexão mais alargada sobre a relação entre as políticas culturais, turísticas e o património literário, visto que “o futuro do turismo literário passa por uma reflexão global (a nível da política

cultural, turística e territorial) não apenas sobre as casas dos escritores, mas também sobre a leitura pública, o património escrito e as profissões relacionadas com a indústria do livro”⁸⁰ (Tobelem, 2003, 111). A utilização da literatura permite ‘novas / diferentes formas’ de ver, olhar e observar, contrariando a ideia de que o turismo é um espectáculo estereotipado de que fala Augé (1997), indo ao encontro do novo perfil de turista⁸¹ que procura novas formas de turismo cultural. Com efeito, a dimensão complexa e multidimensional de turista está intimamente relacionada com as diferentes formas de turismo existentes em que o “sujeito turístico passivo” (Santos, 2007, p.278), muito conotado com o turismo de massas, cede lugar ao “turista da pós modernidade: férias activas, diversificadas, cheias de emoções e de novas experiências” (Gonçalves, 2005, p.46) com a necessária “explosão e versatilização dos espaços” (Santos, 2007, p.311) e consequente necessidade de produtos diferenciados que ajudem a inovar a imagem dos destinos. Estes “utilizam, cada vez mais, as imagens do património como forma de afirmação da sua identidade ao mesmo tempo a que se assiste a um aumento de procura deste tipo de produto.” (Gonçalves, 2005, p.46). O ‘novo’ turista, cada vez mais heterogéneo, experiente, independente, ativo, informado, que vive em rede (*networked*), com estudos superiores, é sensível às mais-valias que a cultura tem para oferecer. Cultura, entendida por nós, num sentido amplo, englobando os vários tipos de património⁸², bem como os saberes, práticas, costumes que modelam uma comunidade.

A relação entre cultura e turismo e o entendimento do património enquanto recurso turístico tem, sobretudo desde os anos 60, interessado muitos investigadores (J.Urry, E. Cohen, L. Turner, entre outros), antecedendo a profusão de dinâmicas culturais que marcaram os anos 70 e as preocupações evidenciadas na Convenção para o Património Cultural e Natural da UNESCO (1972) no que diz respeito às questões

⁸⁰ “L’avenir du tourisme littéraire passe par une réflexion globale (en termes de politique culturelle, touristique et territoriale) non seulement sur les maisons d’écrivain, mais aussi sur la lecture publique, le patrimoine écrit et les métiers du livre.”

⁸¹ Dentro deste novo perfil de turista, e no tocante ao turismo literário, veja-se a distinção feita entre turista literário e peregrino literário (Quinteiro & Baleiro, 2014). O primeiro, informado, conhecedor da importância da literatura para a sua formação, procura encontrar no real o que leu na obra, ao passo que o segundo nutre uma profunda admiração pelo autor e pretende partilhar sentimentalmente os seus espaços: “o autor é, sem dúvida, o elemento inspirador da viagem, pois é com ele que procura um encontro imaginário, num desejo de ser associado ao seu génio e de, por essa via, poder elevar-se ao nível intelectual e cultural do escritor alvo da sua admiração” (p. 16)

⁸² Não fazemos a distinção entre património material e imaterial por considerarmos esta divisão contestável. Não passa de um cómodo artificialismo, visto que “toda e qualquer imaterialidade acaba sempre por ser uma materialidade (sem uma iconicidade a oralidade, a gestualidade, os factos, as ações, as emoções ou os sentimentos seriam impossíveis de detetar como fenómenos, e portanto como Património). E toda e qualquer materialidade tem sempre imbricada uma imaterialidade” (Manuel - Cardoso, 2014, p.2)

patrimoniais e à sua abrangência. Se, por um lado, a cultura serve como diferenciadora e marca a identidade de um local, constituindo-se como um fator positivo enquanto atração turística, por outro há uma crescente consciencialização dos impactes negativos no ambiente porquanto as questões de preservação e sustentabilidade começam a fazer parte das preocupações dos anos 80 e 90. Assim, “nessa conjugação, o modelo hegemónico de turismo contemporâneo torna-se uma experiência tão mágica como controversa. Se faz ‘despertar’ pequenas comunidades esquecidas pela história que, subitamente, se descobrem detentoras de capitais lúdicos, também sobre ele impende um pessimismo cultural, reflectido nas diversas correntes da crítica da cultura.” (Santos, 2010, p.40). Há um aproveitamento do património cultural para a divulgação de um local mas, em muitos casos, falha a sensibilidade relativa à ‘privacidade’ das comunidades de acolhimento que, por vezes, são ‘esventradas’, ‘sugadas’ para que se lhes extraia o suco dito cultural, que ajuda a vender, a um público cada vez mais alargado e muitas vezes acrítico, uma imagem ‘cliché’ que se pretende acoplar a um local, transformando-o em ‘marca’ turística.

Trata-se de um sistema que, teoricamente, se pretende coerente, de imagens que se transfiguram mediante uma linguagem de apreensão mais imediata, por ser mais mediática, fazendo “entrar na categoria de bens transacionáveis, ‘trivializáveis’, a cultura, o património, as tradições, a própria identidade, [...] e, finalmente fazer dos modos de vida dos indivíduos um objeto turístico” (Santos, 2007, p.277) olvidando a questão da inclusão da comunidade e do desenvolvimento sustentável. Logo em 1980, a conferência Mundial de Turismo, que se realizou em Manila, alertava, entre outros aspectos, para a integração da população local, a proteção do ambiente e a necessidade de produtos diferenciados.

Os itinerários culturais desenvolvidos pelo Conselho da Europa e pela UNESCO a partir dos anos 80 do século passado, constituindo produtos diferenciados e inovadores de grande importância para o alargamento da noção de património, possibilidade e importância da sua conservação, continuam a ser alvo de reflexão expressa, igualmente, em legislação oficial. A par das iniciativas mais genéricas da UNESCO, o ICOMOS, Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios, na Carta dos Itinerários Culturais (2008) defende que os itinerários culturais “representam processos evolutivos, interativos e dinâmicos das relações humanas interculturais, realçando a rica diversidade das contribuições dos diferentes povos para o património cultural” (p.1), na revisão do PENT em 2013 aconselha-se a “reforçar os circuitos turísticos religiosos e culturais,

segmentando-os para as vertentes generalista e temática”. Dentro dos itinerários culturais, os itinerários culturais urbanos ocupam um papel relevante na experiência cultural, possibilitando uma apropriação não estereotipada da cidade por parte quer do visitante quer do habitante.

Acompanhando uma obra, quase esquecida, de um autor multifacetado, procura-se dar um contributo para a (re) descoberta de uma zona da capital.

4. O AUTOR

Nascido numa pequena localidade do concelho de Mortágua – Ladeiras - , licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, “Branquinho da Fonseca (1905-1974) é um dos escritores mais surpreendentes da geração de 1930” (Ferreira, 1997, p.61). Foi co-fundador e colaborador das revistas: *Tríptico* (1924-25), juntamente com João Gaspar Simões e Vitorino Nemésio, entre outros; *Presença* (1927-30)⁸³, com José Régio e João Gaspar Simões, e *Sinal* (1930 – 1984), conjuntamente com Miguel Torga (Adolfo Rocha). Autor de peças de teatro, poesia, contos, romances e novelas, que assinava com o pseudónimo de António Madeira entre 1938 e 1942, tal como outros elementos da *Presença*.

Enquanto Conservador do Registo Civil e Predial, percorreu o país e transportou os lugares onde viveu para a sua escrita. Em Cascais, torna-se Conservador do Museu – Biblioteca Condes de Castro Guimarães, onde cria a primeira Biblioteca Móvel, para que todos tenham acesso ao livro. Esta experiência muito bem sucedida, torna-o responsável, a convite de Azeredo Perdigão, pela criação das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian.

A 11 de agosto de 1966, o Presidente da República do Brasil confere-lhe o grau de Comendador da Ordem de Rio Branco. Em Portugal, a atribuição do grau de Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada é-lhe concedida, apenas a título póstumo, a 29 de maio de 1981, pelo Presidente da República Português - General

⁸³ Revista *Presença, folha de arte e crítica*, fundada, em Coimbra, por José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões. A revista defendia uma literatura viva, livre, crítica e criativa, e irá durar até 1940, com mudanças na direção e nos colaboradores, tendo saído 54 números. Muitos colaboradores deixaram a sua marca na *Presença*: Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Queiroz, Edmundo de Bettencourt (que lhe deu o nome), José Bacelar, José Marinho, Alberto de Serpa, Mário Saa, Francisco Bugalho, Luís de Montalvor ...

Ramalho Eanes - em reconhecimento pelo empenho de Branquinho da Fonseca em prol da cultura.

5. O CONTO: A TRAGÉDIA DE D. RAMON

António Madeira [pseudónimo de Branquinho da Fonseca] descreve tão bem a paisagem das serranias como a de Lisboa. Dá tanta vida a um tipo de labroste como ao dum híper-civilizado [...] (Monteiro, 1938, p.27)

António Madeira [...] sabe ver os homens por dentro e por fora. É esta a sua suprema virtude. (A.F., 1938)

O pequeno conto⁸⁴, sobre o qual foi elaborado o itinerário centra-se sobre a personagem que o intitula: D. Ramon.



Figura 1 - D. Ramon - Desenho de Branquinho da Fonseca

D. Ramon, Argentino, de Buenos Aires, veio à Europa como artista, como músico integrado numa orquestra de tangos, mas em Lisboa casou-se e «ficou relojoeiro», morrendo aos poucos com saudades de Buenos Aires. Como em muitos dos contos de Branquinho da Fonseca, também este argentino, “homem completamente dominado pelos outros” (Ferreira, 2004, p.372), está condenado a “destinos misteriosos e imprescritíveis, a estranhas fatalidades” (Monteiro, 1938, p.28). No dia do casamento de Catarina, a filha com a qual sente mais empatia, apercebe-se de que não a deu, mas a ‘vendeu’ ao noivo

⁸⁴ Na edição mais recente, a qual estamos a seguir, tem apenas 20 páginas.

“cidadão que tinha subido do *nada*, com mixórdias nos negócios de vinho de Torres” (Fonseca, 1938/2010, p.377). O noivo, pretendente de longa data, tinha-a estimado em “contas certas como a uma pipa de vinho” (p. 377). Repleto de problemas de consciência, vagabundeia, toda a noite, alcoolizado, pelas ruas de Lisboa. Solitário, perdido, angustiado, amargurado, é “escorraçado de todos os lugares onde tenta procurar um pouco de calor humano que mitigue a angústia que o sufoca, [...] vai sendo consumido por todas as recusas, afastado de todos os encontros” (Ferreira, 2004, p.73). De madrugada cai ao Tejo e seria esse o seu fim trágico se o amigo do autor, José Régio, não tivesse interferido, considerando, numa carta não datada enviada de Vila do Conde, que “continuar a viver é em certos momentos ou situações bem mais terrível do que morrer, e só então, e por isso, o suicídio é uma fraqueza. Para o meu paladar, preferiria que depois da sua vagabundagem D. Ramon simplesmente voltasse para casa da mulher e da “cabra”. Não seria mais trágico? Como poderia continuar a viver D. Ramon?” (Vieira-Pimentel, p.41). E assim, o nosso personagem não morre o que nos permite iniciar e acabar o itinerário no mesmo local: a Rua da Madalena.

O conto, escrito quando o autor habitava em Marvão, “teve um processo genético [...] involuntário e não planeado. Segundo testemunho do autor, num momento de ócio, sem saber em que entreter o tempo, desenhou num papel um rosto de rapariga e depois o rosto de um homem; pôs o desenho ao lado, e, escrevendo, descreveu os rostos desenhados, para depois os enredar, tecer a intriga, completar o conto: ‘Às quatro da manhã, o conto estava acabado’⁸⁵.” (Ferreira, 2004, p.175)

Os desenhos⁸⁶, que o autor fez corresponder às páginas do livro, permitem-nos acompanhar a escrita, não apenas como simples ilustração da mesma, mas enriquecendo-a e humanizando-a. Com efeito, ao ver os desenhos, sentimos que partilhamos de uma maior proximidade com a narrativa, com os sentimentos e emoções dos personagens, pois o que imaginamos mediante a leitura é materializado através dos esquissos, como se comprova pelos exemplos infra:

⁸⁵ Entrevista ao *Jornal da Madeira* – Suplemento “A Ilha”, 30 de Agosto de 1973

⁸⁶ Os desenhos pertencem aos herdeiros de Branquinho da Fonseca e nunca foram publicados. O autor fez corresponder o desenho às páginas da 1ª edição do livro, editado pelas Edições Europa, não datado, certamente, de 1938. Os nossos agradecimentos à Maria João Fialho que amavelmente nos facultou o acesso aos mesmos.

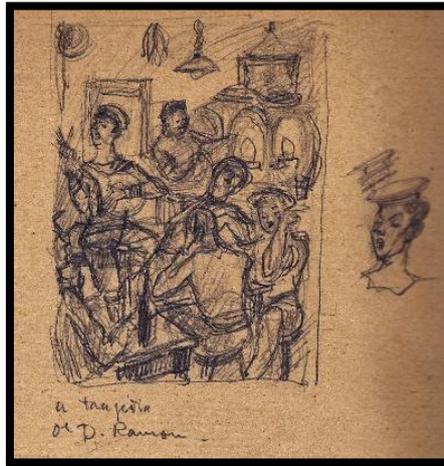


Figura 2 - Interior da casa de pasto - Desenho de Branquinho da Fonseca

Duma espécie de casa de pasto ou taberna, quase subterrânea, veio outra voz que cantava ao som doutra guitarra. Agora era o fado corrido e uma voz de homem. Olhou para dentro e lá estava, entre as pipas de vinho, sentado sobre uma mesa, um marinheiro de guitarra ao peito. (Fonseca, s/d [1938], p.38)

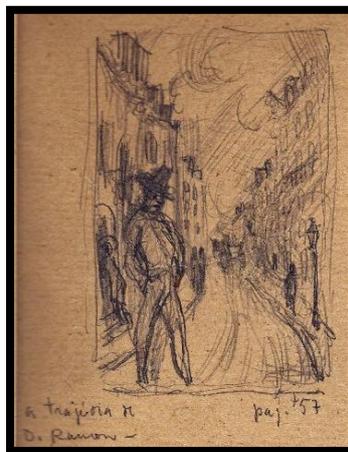


Figura 3 - D. Ramon deambula por Lisboa - Desenho de Branquinho da Fonseca

Ficou na rua a olhar em volta, como se neste momento tivesse acordado num sítio desconhecido. [...] sentia a cabeça tonta e encostou-se à parede [...] o céu tinha começado a clarear, eram cinco da manhã. (Fonseca, s/d [1938], p.57)

6. DA CIDADE COSMOPOLITA À CIDADE BOÉMIA

Acompanhar a ‘noite’ de D. Ramon, que sai de casa às 21 horas e só regressa de manhã é, pois, viajar no centro da Capital, na “parte central e mais movimentada da cidade, a Baixa” (Proença, 1924, p.195), e numa “das mais concorridas artérias de Lisboa, o Chiado” (Proença, 1924, p.218), saindo da Rua da Madalena, passando pela Rua do Ouro, Elevador de Santa Justa, Travessa da Queimada, descer ao Largo das Duas Igrejas (Igreja da Encarnação e Igreja do Loreto), Chiado, Arco das Portas do Mar, Doca da Alfândega e terminar na Rua da Madalena.⁸⁷

A Lisboa, noturna, ‘acordada’, buliçosa, desperta e viva, com um “aluvião de gente” (p.387), aqui retratada é uma urbe de contrastes. Desfrutamos de um ambiente urbano, unificado em torno do Chiado, “centro da elegância” (D’Órnellas, c.1955, p.98) “espécie de corso que constitui o prazo-dado dos janotas lisboetas e um dos centros mais animados da vida da capital” (Proença, 1924, p.218), transbordando de “ambiente burguês e endinheirado” com “gente perfumada nos fatos e suave nas maneiras” (p.387), “bem vestida, *feliz*” (p.387), cujos homens levam “lindas mulheres pelos braços” (p.387), onde se escutam “conversas amenas” sobre os atores e os filmes, dando a sensação de “um banho de calma e de verdadeiro bem-estar” (p.387). Nesta zona, uma dos mais importantes em termos de vivência burguesa, existem estabelecimentos comerciais de excelência, como por exemplo a ourivesaria Leitão, casas de moda, floristas, onde não faltam os cafés, como a Brasileira, local de tertúlias de intelectuais, pastelarias como a Marques, Bernard, Garrett, com “os seus chás elegantes” (Proença, 1924, p.218), cinemas e teatros, onde vagueiam carros e táxis que “em filas cerradas, tocavam as buzinas apressados” (p.379).

No Largo das Duas Igrejas, coração do Chiado, D. Ramon “viu muita gente pelos passeios e os automóveis em filas pelo meio da multidão que desembocava das ruas: vinham a sair dos cinemas.” (p.386/387)

O largo do Rossio, símbolo da cidade moderna e cosmopolita, está iluminado e “anúncios luminosos dão tons bizarros aos locais mais centrais da cidade que a essa hora

⁸⁷ O realizador Edgar Pêra já viu aprovado pelo Instituto do Cinema e Audiovisual o filme *Caminhos Magnéticos*, baseado em dois contos da colectânea homónima – A Tragédia de D. Ramon e O Conspirador - que começará a ser rodado no final de 2016. A Direção de Fotografia estará a cargo do neto do escritor, Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira, co-autor deste texto.

[noite] regorgita de multidão dirigindo-se aos teatros e cinemas ou aos cafés [...] onde há sempre uma viva animação, dando uma nota alacre à vida da Capital” (Ramalho, 1933, p.20). O elevador de Santa Justa anda num corropio a transportar os muitos noctívagos que por aqui pululam.

Por outro lado, existe uma cidade mais ‘decadente’, materializada na ruína da Igreja do Carmo e no trajeto para a Travessa da Queimada e desta para o Chiado, onde predomina um tipo de ambiente popular, boémio, destacando-se a casa de pasto e a taberna, onde se canta o fado corrido: “ao fundo o balcão e as pipas com letreiros: GINJINHA-ABAFADO-EDUARDINHO. Em cima dum pipo um prato com carne em sangue, enfeitada com salsa.” (p.384). Com o avançar da noite e o esvaziar dos pipos, a hostilidade toma conta destes espaços, onde as brigas, ciúmes, facadas se tornam frequentes, podendo culminar na morte: “na rua, de repente, gritaram: ‘Socorro! Ai’, um ai estrangulado. Pareceu uma voz de mulher” (p.384)



Figura 4 - Doca da Alfândega - Desenho de Branquinho da Fonseca

Por fim, à hora “em que o céu tinha começado a clarear” (p.394) o conto, permite-nos, acompanhar o ‘despertar’ de uma ‘outra’ cidade, junto ao estuário do Tejo “a grandiosa estação internacional das nossas transações comerciais” (Ramalho, 1933, p.29). Damos a palavra a D. Ramon: “estava nas docas. Por cima dos telhados dos barracões do cais viam-se os mastros dos paquetes e as chaminés. Só duma saía fumo. Os armazéns cinzentos ladeavam uma rua suja [...]. Foi indo até um largo onde estavam automóveis parados em fila. À volta dum quiosque, conversavam sete ou oito homens, chauffeurs e

carregadores que fumavam e tomavam café.” (p. 394) A ilustração segue a par e passo o conto como podemos ver nas imagens.

Podemos, deste modo, vivenciar a vida do cais, centrada na Doca da Alfândega, “com o seu enorme movimento de mercadorias, e onde às vezes se reúne tal número de fragatas que os seus mastros formam um curioso matagal” (Ramalho, 1933, p. 31): “Tinha gostado sempre daquela vida agitada e romântica dos cais, donde sobre ondas e ventos, se vai e vem para todo o mundo. [...] Um longo gradeamento de ferro fazia a separação entre o cais, o armazém da Alfândega e aquela rua de barracões baixos e compridos. [...]” (p.396). E Lisboa, amanhece... “O Sol surgiu no horizonte, como um disco em brasa. E o barco, lentamente, aproximava-se. Já havia manchas de sol na Outra – Banda, em Almada, nas casitas brancas espalhadas sobre as arribas altas, cortadas a pique sobre o rio.” (p. 397)

7. O ITINERÁRIO

O percurso elaborado a partir do Conto está identificada no mapa apresentado a seguir:

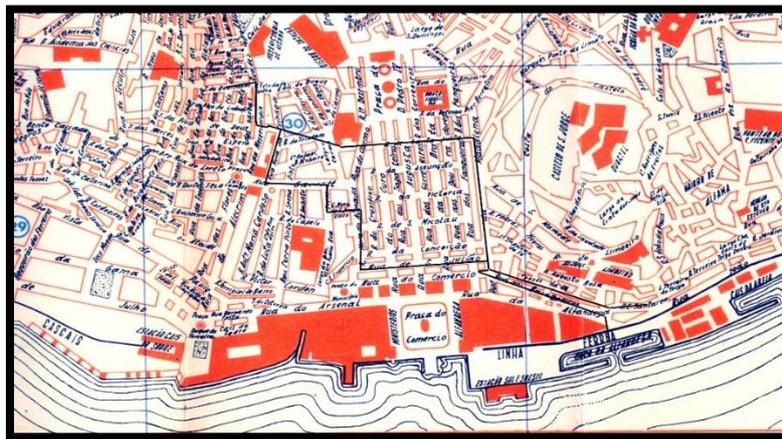


Figura 5 - Mapa Lisboa, (Araújo & Soares, s/d [1943]) - Itinerário assinalado a preto.

Por questões de espaço iremos, em seguida, apenas apresentar uns fragmentos do itinerário e excluimos as fotos atuais de Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira:

- 1) Iniciemos o trajeto na **Rua da Madalena nº 42**, local onde habita D. Ramon, argentino, “com aquela cara parada de poeta romântico, o cabelo muito preto

empastado sobre as orelhas, os olhos encovados na face lívida”. Habita e trabalha na mesma rua, onde, conserta relógios “na modesta loja escura da Rua da Madalena”. (p.378)

- 2) Acompanhemos D. Ramon, que após a boda da filha, servida em sua casa, sente vontade de sair numa deambulação, noturna, que começa no coração de uma capital movimentada.

Precisava de sair dali, de ir para as ruas, caminhar, tomar ar, sabia lá o quê. Abandonar-se ao escoar da multidão que passa e parece que nos leva.

Eram nove da noite, a hora a que as ruas da cidade acordam por uns instantes, depois do jantar, quando começam os cinemas, os teatros, e se enchem os cafés.

*Os eléctricos mal iluminados, passavam cheios de gente e os táxis, em filas cerradas, tocavam as buzinas, apressados. O **elevador de Santa Justa**, como um balão iluminado, subia e descia entre as fachadas escuras. Ramon caminhou para lá, atravessou a **Rua do Ouro**, abstracto por entre os eléctricos e os automóveis. [...] Dirigia-se à bilheteira. Lá dentro do buraco tapado com rede de arame, o empregado espapaçado sobre um banco contava moedas. [...] (p. 379) entrou para o elevador a que o empregado já fechava as portas de grade. (p.380)*

*E numa subida lenta começou a ver, em baixo, a cidade escura, com pontos de luz, as ruas direitas e mais adiante montes de telhados. Murmurou em voz baixa: Mi Buenos Aires!... [...] Mas o elevador estacou e abriram-se as portas. Como se tivesse acordado, saiu para o **passadiço**.*

Viu em baixo o Largo do Rossio, iluminado. (p.380)

*E, em volta, montes de casas escuras. [...] meteu por uma ruela sombria, ao lado de uma **velha igreja em ruínas** [Igreja do Carmo]. E foi dar a uma **praça com árvores**, onde passavam sombras apressadas e uma sentinela andava no seu vaivém, em frente da porta de um **quartel**. Para estes sítios as ruas estavam tranquilas e desertas. (p.380)*

*Quando chegou à **Travessa da Queimada**, olhou as janelas da casa do amigo André. (p.380)*

- 3) Depois de sair de casa do amigo, que quase o escorraçou, “Ramon deu a volta à esquina da rua e meteu por uma travessa estreita e sombria.” (p.383). Entrou numa casa de pasto ou taberna onde se cantava o fado corrido. “Ao fundo, o balcão e as

pipas com letreiros: GINGINHA – ABAFADO – EDUARDINHO” (p.384)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos literários, pela capacidade que têm em abrir horizontes, fomentando a aliança entre a sensibilidade estética e a percepção dos espaços e dos lugares, estimulam a nossa imaginação, potenciam o surgimento de outras criações, tornam-se relevantes na compreensão de um local, seja pela descrição do mesmo, seja pelas vivências que espelham, seja porque se tornam uma forma de aprofundar o conhecimento que se tem do autor e da sua época.

O conto desenvolve-se em torno de um espaço geográfico preciso e delimitado, estabelecendo com o real uma relação de verosimilhança que pode ser comprovada mediante outras descrições e fotografias da época. Conseguimos descortinar, deste modo, um retrato fiel do ambiente urbano dos anos 30 da zona nobre da Capital onde o autor não pretendeu dar uma imagem idealizada da cidade mas sublinhou os seus contrastes: cidade cosmopolita e cidade boémia. Ao retratar um ambiente urbano, construindo e imortalizando referenciais paisagísticos e de costumes seus contemporâneos, contribuiu para manter a memória histórica do local. Os leitores podem, por este facto, acrescentar à história, os ‘sabores’ do local, assimilando espaços, usos e costumes num enriquecimento cultural que permite estabelecer a relação dos personagens, ficcionais, com o meio envolvente. Permite-nos conhecer o ‘coração’ da cidade sem nunca lá termos estado, permite-nos (re)conhecer sítios onde passamos todos os dias, permite-nos (re)ler a cidade com um ‘novo’ olhar, e, sempre cada um com a sua visão, com a sua leitura do ‘real’. Com efeito, a forma como nós apreendemos e vivemos os lugares resulta, igualmente, de quem nós somos, dependendo, na esteira de Tabucchi (2010/13, p.178) “de como lermos esse lugar, da nossa disponibilidade para o acolhermos dentro dos nossos olhos e dentro da nossa alma, de estarmos alegres ou melancólicos, eufóricos ou disfóricos, de sermos jovens ou velhos” e ao mesmo tempo, da forma como o património da localidade foi transformado em recurso, pensado ou para um público apressado, ou neste tempo de “turismo híbrido” (Santos, 2007, p.291 e segs), para um *slow tourism*.

O itinerário destina-se quer aos habitantes, quer a estes novos tipos de turista que, ao valorizar produtos ou destinos turísticos diferenciados, contribuem, mediante o entrosamento comunitário, para criar “novas sociedades”, novos percursos, novos

entendimentos dos lugares, num processo de (re)descoberta dos territórios e de (re)apropriação dos espaços, do seu património e dos seus quotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A.F. (1938). Caminhos Magnéticos – Contos de António Madeira, *Jornal da Figueira*, 21-5.
- Araújo, N. & Soares, A. (s/d. [1943]). *Guia e Planta de Lisboa*, Lisboa, Livraria Portugália.
- Augé, M. (1997). *L'impossible voyage – Le tourisme et ses images*. Rivages Poche Petite Bibliotheque. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Bardin, L. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Eds. 70.
- Busby, G. & Hambly, Z. (2000). Literary Tourism and the Daphne du Maurier Festival, in Payton, P. (Ed.) *Cornish Studies Eight*, University of Exeter Presse, Exeter, pp. 197-212.
- Busby, G. & Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The challenges of measurement and other issues, *Jornal of Vacation Marketing*, 7 (4), pp. 316-332.
- Canclini, N. (1997). *Culturas híbridas : estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- Canclini, N. (2005). *Consumidores e cidadãos : conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Canclini, N. (2006). *Diferentes, desiguais e desconectados : mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Carta dos Itinerários Culturais. (2008). Ratificada pela 16ª Assembleia Geral do ICOMOS- 4 -10 - Québec – Canadá.
- Cavaco, C. (2006). Práticas e Lugares de Turismo. Fonseca, M.L. (Coord.), *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- Cohen, E., s/d, Traditions in the qualitative sociology of tourism, *Annals of Tourism Research*, vol.15, nº1 (special issue)
- Ferreira, A .M. S. (2004). *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*, Lisboa: I. N. C. M.
- Ferreira, A. M. S. (1997). O Involuntário: um conto de Branquinho da Fonseca, Sep. *Revista da Universidade de Aveiro: Letras*, 14, 61-70.
- Fonseca, A. J. B. (1938/2010). A Tragédia de D. Ramon, in *Caminhos Magnéticos*. Obras Completas I, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Fonseca, A. J. B. (s/d). *A Tragédia de D. Ramon*, Mosaico, Pequena Antologia de Obras Primas, Ed. de Fomento de Publicações, Lda.
- Gonçalves, A. (2005). Turismo Cultural em Complemento ao ‘Sol e Praia’, *Revista Turismo e Desenvolvimento*, vol.II (2), 45-60, Aveiro: Univ. Aveiro.
- Madeira, A. (s/d [1938]). *Caminhos Magnéticos – Contos*, Lisboa, Edições Europa, 1ª ed.
- Manuel - Cardoso, P. (2014). *O que é a museologia e o património*, Lisboa, IGAC.
- Monteiro, A.C. (1938). Caminhos Magnéticos, contos de António Madeira, *Presença- Folha de Arte e Crítica*, 3(53-54), 27-28.
- Morin, E. (2002). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*, Lisboa, Piaget.
- N, J. (1938, 21 maio). Caminhos Magnéticos. *Gazeta de Coimbra*, V.
- Nora, P. (1984). *Lex Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard.
- Ornellas, C. (s/d [1955]). *Manual do Viajante em Portugal - Lisboa e Arredores*, Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro (8ª ed.).

- PENT. (2007). Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal, Lisboa, Turismo de Portugal.
- Pérez, X.P.(2009). *Turismo Cultural – Uma visão antropológica*, Col.Pasos edita, nº 2, Tenerife.
- Proença, R. (coord.). (1924/ 1991). *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores* - vol.I – Lisboa, F.C.Gulbenkian (3ª reimpressão).
- Queiroz, A.I. (Coord.). (2012). *Lisboa nas narrativas. Olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea*. Lisboa, FCSH/NOVA.
- Quinteiro, S., & Baleiro, R. (Eds.). (2014). Lit & Tour – Ensaio sobre Literatura e Turismo. V.N. Famalicão: Edições Húmus.
- Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2014). Uma personagem à procura da literatura: a ficção literária e a prática turística, in *dos algarves a multidisciplinar e-Journal*, Universidade do Algarve, p.9-27.
- Ramalho, R.S.L.(Coord.) (1933). *Guia de Portugal Artístico* –Tomo I-Vol I, Lisboa, M.C.R.
- Santos, F. (2007). *Turismo: Mosaico de Sonhos – Incursões Sociológicas pela Cultura Turística*, Lisboa, Eds. Colibri.
- Santos, F. (2010). Turismo e Transfigurações Culturais, in Santos, M.G. (org.) *Turismo Cultural, Territórios e Identidades*, Lisboa, Afrontamento, I. P. Leiria, p.39-62.
- Santos, M.G. (org). (2010). *Turismo Cultural, Territórios e Identidades*, Lisboa, Afrontamento, I. P. Leiria.
- Silva, A.M., (1987). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Confluência, (10ª ed., Vols. IV e V).
- Stake, R. (1995/2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*, Lisboa, F.C. Gulbenkian, 2ª ed.
- Tabucchi, A. (2010/13). *Viagens e Outras Viagens*, Lisboa, D. Quixote.
- Tobelem, J-M. (2003). Quand la mémoire littéraire se met en tourisme, *Cahiers Espaces - Tourisme de mémoire*, 80, 109 -111.
- Vieira - Pimentel, F. J. (1984). Cartas Inéditas de José Régio para Branquinho da Fonseca, *Colóquio/Letras*, 79, p. 38-46.